

GEOPOLÍTICA E GLOBALIZAÇÃO

Carlos de Meira Mattos(*)

O discurso da Globalização difunde-se pelo mundo suscitando entusiasmos e reações. Sua abrangência é considerada, por uns, realmente global, envolvendo e modificando princípios, normas, técnicas e procedimentos assentados há longos séculos na mente e nos usos da sociedade humana. Outros, mais moderados, procuram encarar a globalização com limitações, reservas e temores.

Como estudioso da Geopolítica preocupou-nos tentar uma avaliação do impacto da Globalização sobre este ramo do conhecimento humano. Em síntese, a Geopolítica outra coisa não é, senão, o estudo da influência da geografia no destino político dos Estados.

Este tema, a luta do homem para superar o meio físico que o envolve, vem da mais remota antigüidade. Os livros de Hipócrates, Platão, Aristóteles, Herodoto e Estrabão, já retratam a constatação de que a geografia exerce uma influência capital na história política dos povos.

O estudo das relações – homem X meio físico, entretanto, somente vieram ser observadas com maior precisão científica, depois que Bernardo Varenius lançou o seu livro “Geografia Geral”. (1650), obra que, segundo o geógrafo alemão Karl Ritter, foi o precursor do ramo da Geografia Humana.

No fim do século passado, o desenvolvimento dos estudos da Geografia Humana fizeram despostrar a Geografia Política, ramo mais especializado da mesma. A Geografia Política prosperou nos meios acadêmicos europeus, na Alemanha com os geógrafos Ratzel, Maull, Kjelen e na França com Vidal de La Blache, Martonne, Brunhes e Vallaux. O aprofundamento das pesquisas das relações das entidades políticas e a geografia, levaram à verificação de que as condições geográficas podiam influir no des-

tino político das nações. Daí o salto para um novo ramo de conhecimento ? o estudo da influência do meio geográfico (extensão, posição, clima, solo) no destino político dos povos.

O grande historiador inglês con-temporâneo Arnold Toynbee, em sua monumental obra “Study of History”, percorre todo o itinerário do homem na terra, comprovando que as civilizações foram o produto da ação dos grupos humanos ativos que souberam dominar o meio geográfico colocando-o a seu serviço. Toynbee sistematizou esta excitação progressista homem X geografia, criando a teoria histórica do desafio e da Resposta: – “os grupos humanos que foram capazes de responder aos desafios do meio físico e de suas próprias contradições psicossociais foram vitoriosos, criaram civilizações, enquanto fracassaram aqueles que não foram capazes de responder a estes desafios”.

Toynbee comprova que a civilização chinesa foi produto da capacidade do homem chinês em dominar a natureza hostil, pantanosa, alagadiça, a região da foz dos rios Yang Tse e Amarelo vitalizando sua navegação e comunicação com o mar.

Da mesma forma, a civilização egípcia só prosperou depois que o homem ativo do Nilo dominou com obras de drenagem os obstáculos da comunicação do vale fértil com o Mar Mediterrâneo. Herodoto escreve que a civilização egípcia era “uma dádiva do Nilo”, Toynbee acrescenta, “e do homem egípcio”.

Em conclusão o homem passivo ante a natureza não progrediu, estio-lou. O homem ativo ante a natureza criou as civilizações.

Voltemos agora ao impacto do fenômeno da Globalização sobre esta eterna contenda homem X natureza, que em termos políticos modernos se transforma em disputa população X território.

rio, objeto principal da Geo-política.

A Geopolítica que no final do século passado e na primeira metade deste século fertilizou intensamente o pensamento políticos e acadêmicos famosos ? nas Alemanha, Ratzel, Haushofer e Hitler, na França, Vidal de La Blache, Brunhes e Vallaux, na Inglaterra, Lord Curzon e Mackinder, nos Estados Unidos, Mahan, Theodore Roosevelt, Spykman, ? está submetida ao juízo mudancista que varre o planeta. Os mais fanáticos pela globalização já decretaram a sua extinção.

Entre os Globalizantes apaixonados da sociedade mundial salientam-se aqueles que defendem a tese de que o impacto da globalização torna obsoletos os valores fundamentais da política nacional e internacional ? soberania e auto determinação dos povos. Esta obsolescência se apoia no que consideram a inevitabilidade do desaparecimento das soberanias e na incontrolável transterritorialidade das fronteiras.

Uma coisa é se aceitar a incidência da globalização na economia e a invasão quase instantânea das notícias e das mensagens através dos meios eletrônicos de informática e de comunicações, outra coisa, é que, por isto, o Estado Nacional deva abrir mão de seus valores fundamentais.

A harmonia da sociedade mundial, a desejava paz universal dentro dos padrões democráticos, só será alcançada, respeitando-se o direito soberano de cada povo e sua prerrogativa de autodeterminar o seu destino. O Direito Internacional se assenta no respeito a esses valores e na busca da igualdade de tratamento entre as nações.

Os fanáticos da globalização já sepultaram até a História ? veja-se o livro o “Fim da História” do escritor norte americano Francis Fukuyama. Sustentam que a Geopolítica é reminiscência do passado. Isto porque, dizem, o espaço geográfico ficou reduzido a uma “aldeia” em vista da penetração da comunicação via Internet e do encurtamento das distâncias. Mas, vejamos até que ponto a tecnologia moderna atinge a existência da Geopolítica como ramo de conhecimento que estuda e avalia a influência na geografia nos processos políticos.

A história é essencialmente a história dos acontecimentos políticos. O fato histórico está sempre relacionado com as condições de espaço e tempo. Estes fatores ? espaço e tempo ? foram atingidos com intensidades desiguais pelo impacto da tecnologia moderna.

A quase instantaneidade da comunicação da imagem e do som a qualquer quadrante da terra, assim como o encurtamento drástico das distâncias pelos novos meios de transporte volatizaram o fator tempo.

A transitoriedade e a fugacidade do fator tempo foi uma questão que já preocupou Santo Agostinho (as três divisões do tempo do livro “As Considerações”) e mais recentemente o Filósofo Einstein considerou a relatividade do tempo.

Quanto ao espaço, figura sempre como o fator mais estável do binômio. Para Descartes “o espaço é concreto, o tempo não”.

Comparemos o grau de avanço da tecnologia a serviço da política durante os últimos cem anos. A sociedade humana cruzou a passagem do Século XIX para o Século XX sem conhecer o avião, os satélites, o rádio, a televisão, a eletrônica, o fax, a informática, a energia nuclear e outras formas de energia. A viagem à Lua seria considerada um absurdo pelos maiores sábios da época, entretanto tudo isto se incorporou ao patrimônio do conhecimento e da praxis do homem de hoje.

A incidência sobre os hábitos e costumes da sociedade, provocada por estes extraordinários avanços tecnológicos, atingiram muito mais o fator tempo do que o fator espaço.

O espaço geopolítico, em si, pouco mudou. A França, os Estados Unidos, a China, o Japão e o Brasil, conservam quase o mesmo território que possuíam no final do Século XIX. Sobre estes mesmos territórios o homem tecnocrônico moderno adquiriu novos e extraordinários instrumentos de ação para dominar a natureza e colocá-la a seu serviço. Através dos modernos meios de comunicação, ele invade o espaço de todos os quadrantes do planeta, com suas mensagens faladas e escritas. Os meios de transporte em uso aproximam todos os países.

Ao mesmo tempo que reconhece-mos a nova e surpreendente operacionalidade do homem na exploração de sua base espacial, constatamos que esta mesma base espacial pouco mudou, no decorrer destes últimos cem anos; suas características de extensão forma e posição continuam válidas como expressões políticas.

O contexto físico do espaço continua inalterado, sua extensão, forma e posição

inamovíveis apenas que agora é operacionalizado por instrumentos mais eficazes.

O Homem autor da história, animal político (Aristóteles), passou a operar o seu espaço geográfico munido de instrumental revolucionário, mas a Geografia Física não mudou, e a Geopolítica continua viva.

**(*)General Reformado
Conselheiro da ESG**